

Meu Caro José Augusto França

Minhas Senhoras e Meus Senhores

É para a Fundação MS uma enorme honra que tenha aceite, meu Caro Amigo, José Augusto França, o nosso convite para falar sobre "As Artes durante a Ditadura".

Quero, por isso, começar por lhe agradecer. Muito e muito obrigado!

Lembra-se que nos conhecemos, José-Augusto França, quando eu andava na Faculdade de Letras de Lisboa. Sempre o achei, desde jovem - temos quase a mesma idade - uma lúcida inteligência, com uma invejável bagagem cultural, muito variável, mas, claro, especialmente, artística.

Nunca, nessa época sombria, quase clandestina, nos tornámos amigos e muito menos próximos. Infelizmente. Você viajava frequentemente a França, que eu só conheci muito depois. Era então um surrealista convicto. Frequentador do Café Gelo, onde geralmente se encontravam dois meus amigos, mais tarde, muito queridos, Alexandre O'Neill e Mário Cesariny. Eu, nessa altura, andava já totalmente empenhado na política anti-salazarista e, no plano cultural e artístico, acompanhava o grupo neo-realista que, vindo de Coimbra, com o Novo Cancioneiro e o Vértice, frequentavam então o Café Portugal, onde eu também ia regularmente. Era um tempo de tertúlias. Os meus amigos pintores e escultores eram então: Júlio Pomar, Sá Nogueira, Lima de Freitas, João Abel Manta, Lagoa Henriques, João Cutileiro e Nikias Skapinakis, entre outros.

A vida, entretanto, separou-nos, percorrendo culturalmente caminhos diferentes. Raramente nos encontrávamos, sempre de fugida, mas com cordialidade e simpatia. Quero sublinhar no entanto, o brilhantíssimo percurso académico em que Você, José-Augusto França, se tornou notável, em França e em Portugal como historiador de arte, mas não só, também ensaísta, crítico e memorialista. Foi professor catedrático na Universidade Nova de Lisboa e na Sorbonne, em Paris. Dirigiu a notável revista Colóquio de Artes, da Gulbenkian, que possuo quase na íntegra, e depois dirigiu o Centro Cultural da Gulbenkian, em Paris.

Foi, aliás, em Paris, que nos encontrámos talvez mais vezes, quando estive exilado, quase sempre, através de dois amigos comuns: Joaquim Barradas de Carvalho (historiador) e António Coimbra Martins, então bibliotecário e depois dirigente da Gulbenkian em Paris.

Meu Caro José Augusto França Você é autor de uma obra muito variada e rica, como crítico, ensaísta, investigador e historiador, que tem marcado a vida cultural portuguesa de meados do século XX à actualidade. Não só no domínio das artes plásticas, como do cinema e da historiografia. Escreveu, só a título de exemplo: "O Romantismo em Portugal"; "O Pombalismo e o Romantismo"; "Urbanismo e Arquitectura"; "A Arte e a Sociedade Portuguesa" e "A Arte em Portugal no Século XIX" (em dois volumes), 1936, ano X da Revolução Nacional, aqui apresentado, etc. Escreveu igualmente biografias de Rafael Bordalo Pinheiro; Bosch ou le Visionaire Integral; Charles Chaplin; Malhoa e Columbano; Amadeo de Souza-Cardoso; e ainda "Memórias para o ano 2000".

Depois da Revolução dos Cravos encontrámo-nos com mais frequência, mas quase sempre em cerimónias um tanto formais, como exposições; eventos culturais; conferências, etc. Nunca deu, infelizmente, para podermos conversar de seguida e seriamente. Teria sido, para mim, um grande enriquecimento.

A verdade é que sempre o admirei e admiro José-Augusto França, e tenho por si uma grande simpatia intelectual e pessoal.

A minha Mulher, que hoje não pode estar presente, tem estado fielmente consigo nas sessões tão interessantes do Grémio Literário, a que infelizmente não tenho podido assistir. Hoje

sou eu quem a representa e faço-o com muita alegria. O tema que vai tratar conhece-o como ninguém. Estou, por isso, ansioso para o ouvir e portanto me calo.

Muito e muito obrigado,

seu admirador e amigo

Lisboa, 7 de Março de 2013